



**Trabalho 701**

**A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A SAÚDE DO TRABALHADOR SOB A FUNDAMENTAÇÃO ONTOLÓGICA**

SILVA, Jamila Karen Alves da<sup>1</sup>  
SOUZA, Diego de Oliveira<sup>2</sup>  
SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da<sup>3</sup>  
SANTOS, Jeanderson Nunes dos<sup>4</sup>  
SILVA, Juliane Araújo da<sup>5</sup>  
SILVA, Larissa Fábila Duarte<sup>6</sup>

**INTRODUÇÃO:** É difícil relacionar diretamente adoecimento a condições de trabalho, principalmente tangenciando adoecimento mental, visto que o trabalhador apresenta uma vida fora do trabalho repleta de elementos que agridem sua dimensão psicoemocional. Mas, considerando o trabalho como central nesta questão e como categoria fundante da sociedade, propomos uma análise do adoecimento, mental ou físico, relacionado ao trabalho, considerando os fundamentos ontológicos histórico-sociais e demonstrando o quanto as categorias profissionais vêm “sofrendo” com a forma que se desenvolve o *novo (e precário) mundo do trabalho*<sup>(1)</sup>. Afinal, pensar no cuidado exige uma compreensão das características que afetam direta ou indiretamente a saúde das pessoas, nesse caso, do trabalhador. **OBJETIVOS:** Analisar a produção científica na relação entre precarização do trabalho e condições de saúde dos trabalhadores, enfatizando as formas de sofrimento mental. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** O presente trabalho consiste numa revisão integrativa realizada na BVS, utilizando como descritores: condições de trabalho e saúde mental. Selecionamos dezessete artigos publicados de 2002 a 2012, disponíveis em texto completo. A análise se deu pelos pressupostos teóricos marxianos de corte lukacsiano. **RESULTADOS:** Nos artigos selecionados, observamos uma variedade de categorias profissionais que demonstra o aumento de doenças físicas e/ou mentais. Dentre elas: trabalhadores do CAPS, da Unidade da Família, Urgência e Emergência e da saúde mental; trabalhadores da Polícia Militar; Mineiros; Professores; Enfermeiros; Médicos e, Profissionais em geral. Nos estudos que abordam profissionais da saúde, constatamos excesso da jornada de trabalho, um descontentamento com a estrutura física, com a inadequação do local, e principalmente, com a restrição de materiais que dificultam, quando não impedem, a realização eficaz do trabalho. Estes aspectos evidenciam a precariedade do trabalho, mas propomos uma análise que mostre a precarização do trabalho, que corresponde aos aspectos sociais que determinam a forma como o trabalho se apresenta atualmente, numa reposição histórica no âmbito da luta de classes (e, portanto, das conquistas parciais no âmbito público)<sup>(1)</sup>, seja o trabalho do enfermeiro ou do minerador, por exemplo. Dentre os artigos selecionados, várias particularidades são

1 Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca. E-mail: jamila\_karen@hotmail.com

2 Professor do curso de Enfermagem da UFAL-Arapiraca. Doutorando em Serviço Social pela UERJ. Mestre em Serviço Social pela UFAL. Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Fatec Internacional. Graduado em Enfermagem pela UFAL.

3 Graduado em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco (FENSG-UPE), Especialista em Formação para a Docência do Ensino Superior (CESMAC), Mestre em Serviço Social (PPGSS-UFAL), Doutorando em Linguística (PPGLL-UFAL). Estuda Análise do Discurso. Professor do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas. Coordenador do Grupo de Estudo Trabalho, Ser Social e Enfermagem – GETSSE-UFAL/campus de Arapiraca.

4 Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca.

5 Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca. 6 Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca



## Trabalho 701

destacadas entre os problemas que afetam a saúde dos trabalhadores, como, por exemplo, os profissionais de emergência, entre eles bombeiros, profissionais de ambulância e profissionais em hospitais, os quais atuam em contextos que exigem respostas rápidas visando à eficácia dos atendimentos acarretando tensão e estresse prejudicando a vida dos mesmos<sup>(2-3)</sup>. Tratando-se dos trabalhos que exigem mais força física, encontramos artigos que analisam os trabalhadores de rochas e os mineiros. O trabalho “bruto”, extrativo, de natureza distinta de outras ocupações industriais típicas ou de serviços, pode nos dar a ideia (errônea) da utilização exclusivamente da força física, como uma máquina. O que esta pesquisa mostrou com acuidade é que essa máquina pensa, ama, sofre, se desgasta emocionalmente e se deprime, enfim, ela se “estressa”. Os trabalhadores revelam que a atividade extrativa é um trabalho diferenciado, que tem suas especificidades, é perigoso e penoso e, além disso, vem adquirindo aspectos globalizados, encontrados em qualquer trabalho urbano, com trabalhadores submetidos à pressa, à pressão e à exploração da subjetividade, ao medo de ser demitido ou de ficar “marcado”<sup>(4)</sup>. Outros aspectos são tratados nos artigos, como acidentes resultantes da falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), risco de contaminação. Sem falar no desemprego que também trás prejuízos à saúde. Uma vez citado esses aspectos, avançamos sobre as determinações do *mundo do trabalho* sobre a saúde dos trabalhadores, considerando as particularidades da contemporaneidade. A reestruturação produtiva do capital que atinge as mais diversas instâncias do ser social é responsável pelos diversos danos causados à saúde dos trabalhadores em geral<sup>(1)</sup>. Para um melhor entendimento dessas mudanças, precisamos analisar, em linhas gerais, a tendência constante nos últimos duzentos anos do capitalismo, dando ênfase para as décadas de 1970 e 1980, quando o toyotismo se consolida enquanto uma nova forma de organizar a produção, ocorrendo a sua mundialização, ou seja, o avanço para além do seu local de origem (Japão), ocasionando a rápida expansão das suas inovações tecnológicas (microeletrônicas, informacionais e em rede) e sócio-metabólicas. Se fizermos uma retrospectiva histórica, perceberemos que Marx<sup>(5)</sup>, aborda as características a cerca das condições do trabalho do início da fase industrial, na Inglaterra, trazendo contribuições para entendermos os elementos essenciais da problemática estudada hoje. A introdução das máquinas no processo de trabalho significou um grande avanço para a produção, principalmente porque a maquinaria abre a possibilidade do trabalho ser executado em menos tempo. Contudo, percebemos que o seu uso capitalista faz com que o trabalho seja ainda mais intenso e degradante. Em um contexto mais recente, observamos que as transformações mais significativas relacionam-se ao processo de reestruturação produtiva<sup>1</sup>, no bojo da crise estrutural desde a década de 1970. Essas mudanças causaram graves consequências para a saúde dos trabalhadores, especialmente devido à nova subjetividade criada no contexto de acumulação flexível, acirrando o individualismo competitivo burguês, as crises de adaptabilidade, insegurança e instabilidade, frustrações e sentimento de derrotas, dentre outras consequências que evoluem para quadros patológicos e de sofrimento mental. Alcançar o cuidado de forma eficaz exige dos profissionais da saúde a superação de alguns obstáculos que transcende, portanto, o complexo da saúde. **CONCLUSÃO E CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Percebemos, então, que o adoecimento do trabalhador se intensifica ante as expressões do caráter destrutivo do capital na busca por superar sua crise estrutural, desde a década de 70. Não restam dúvidas de como a precariedade e precarização do trabalho determinam o adoecer dos diversos trabalhadores. Além do mais, as “novas” características flexíveis do capital só aumentam ainda mais a exploração da força de trabalho e prejudicam as relações sociais dos trabalhadores que buscam destaque em meio a uma massa de desempregados que impulsiona essa exploração. Todos esses



## Trabalho 701

aspectos, implicam no cuidar, uma vez que os profissionais responsáveis por tal atividade estão duplamente inseridos nesta problemática: precisam cuidar dos trabalhadores degradados no bojo da reestruturação produtiva do *mundo do trabalho*, ao mesmo tempo, eles mesmos são vítimas deste processo destruidor. Neste contexto, o adoecimento mental dos trabalhadores comparece como componente indispensável da “relação-capital” tal como Marx <sup>5)</sup> a definiu, nos novos parâmetros da flexibilidade produtiva. A efetividade das ações contra o sofrimento mental depende, portanto, da transformação radical destas condições objetivas. **REFERÊNCIAS:** 1. Alves G. Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6; 2007. 2. Minayo MCS, Assis SG, Oliveira RVC. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro (RJ, Brasil). *Ciênc. saúde coletiva*. 2011 abr.;16(4): 2199-09. 3. Merlo ÁRC, Lapis NL. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicol. Soc.* 2007 jan-abr.;9(1): 61-8. 4. Moulin MGB, Moraes ABT. Vamos fazer poeira: fontes e expressões da pressão no trabalho do setor de rochas ornamentais no Espírito Santo. *Rev. bras. saúde ocup.* 2010;35(122). 5. Marx K. O Capital. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. Tomo 2. São Paulo: Editora Nova Cultural; 1988. **DESCRITORES:** Condições de Trabalho. Saúde do Trabalhador. Enfermagem. **EIXO II** - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.